

A Interpretação dos Sonhos

Taciana de Melo Mafra

“Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo”*

*Se não posso dobrar os deuses celestes, moverei as águas do inferno.

(Eneida de Virgílio)

“Uma intuição como esta surge apenas uma vez ao longo da vida de um homem” (Freud)

Desde os tempos antigos os sonhos são reconhecidos como portadores de uma verdade cifrada.

Os grandes estrategistas de guerra utilizavam a figura do decifrador de sonhos para orientar suas conquistas, o que também acontecia em muitos reinos que possuíam esse tipo particular de oráculo que através de suas interpretações auxiliava em régias decisões.

Igualmente, a sabedoria popular sempre lançou mão de um extenso compêndio de simbolismos dos sonhos para dar contas das inquietações e enigmas do humano.

Essa dimensão da atenção dada à onirotologia demarca a importância desse tão valioso fenômeno cotidiano da vida das pessoas.

Atravessar essa dimensão premonitória atribuída aos sonhos, mantendo o que nela se revela de um “conhecimento” popular, e chegar a uma construção teórica que, com rigor científico, edifica os pilares das operações constitutivas do sonho foi uma tarefa que Freud tomou para si no fim do século antepassado.

Freud, no curso das investigações sobre a trama da neurose, descobre que os sonhos são formados pelas mesmas leis que estabelecem um sintoma neurótico. Em sua proposição atestava que os sonhos não são meros absurdos, mas possuem um sentido e são realizações de desejos inconscientes disfarçados.

A deformação das idéias inconscientes de um sonho tem o objetivo de proteger o sujeito do caráter ameaçador de seus desejos. O sonho recordado é um substituto do conteúdo inconsciente ao qual se pretende chegar através da interpretação. Freud chamava o conteúdo recordado de conteúdo manifesto e as idéias inconscientes a que estavam ligadas, de conteúdo latente.

É a partir da publicação de *A Interpretação dos Sonhos* que fica dado o marco do nascimento da Psicanálise, tal a importância dos conceitos elaborados por Freud sobre o inconsciente nesse texto.

A Interpretação dos Sonhos é um dos livros mais lidos do século, embora sua aceitação tenha se dado de maneira muito adversa em sua primeira década.

Junto com a afirmação de que os sonhos têm realmente um sentido e que é possível um método científico para interpretá-los, Freud revelava, como ele próprio costumava dizer, a terceira grande ferida narcísica da humanidade. As duas primeiras haviam sido reveladas por Copérnico e por Darwin. A primeira destituía a Terra do centro do universo e a segunda colocava a origem do homem advinda da evolução da espécie do macaco.

Talvez possamos encontrar no drama dessas revelações a explicação para o retardo com que tão importante texto pudesse vir a circular entre os leitores, e principalmente entre os mais cultos.

Foi trabalhando com seus clientes que Freud descobriu que os sonhos eram uma espécie de patologia normal, uma Formação do Inconsciente, como os lapsos, os chistes e os sintomas neuróticos, um rébus cuja estrutura de linguagem permite decifrar e levar o sujeito ao reconhecimento de seu desejo.

“A Interpretação dos sonhos é a via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente.” Assim escreveu Freud em sua obra, enquanto afirmava que os sonhos são fenômenos psíquicos produzidos e comunicados pelo sonhador, e só através do relato feito por este, torna-se possível ser conhecido.

É tomado dessa descoberta que Freud dá início a sua auto-análise, constituída pela análise de seus sonhos, aos quais desde muito menino sempre dedicou grande atenção, registrando-os muitas vezes.

O interpretável não é o sonho, mas seu relato, que parece ininteligível até ao próprio sonhador.

O que produz essa feição enigmática do sonho é o trabalho da censura que faz com que o sonhador não saiba que sabe do sentido do seu sonho. Portanto, a função da interpretação do sonho seria a de tornar inteligível esse sentido obscuro do sonho.

Porém, ao contrário do que muitas vezes é propagado a despeito da Psicanálise, só na condição da cena analítica é que um sonho pode ser interpretado segundo seus princípios.

A interpretação de um sonho jamais poderá ser esgotada, pois cada elemento de um sonho está tomado por uma sobredeterminação que diz da impossibilidade de se atingir uma verdade imutável e absoluta.

Sabemos desde Freud que a Psicanálise se articula com a linguagem enquanto rompe definitivamente com o referencial neurológico.

Assim, é necessário tratar com um conjunto de conceitos e operadores complexos no que concerne ao lugar da interpretação de um sonho, sabendo que para cada face possível de interpretar

haverá sempre uma infinidade de significados não interpretáveis. Freud costumava dizer que os sonhos não foram feitos para ter seu sentido descoberto, mas, pelo contrário, para saber aonde o sentido do sonho conduz o sujeito é preciso acompanhar o que o constitui. Como ele mesmo nos ensinou:

“Eu saberei julgar de modo exato o enigma apenas quando tiver renunciado a apreciar assim o todo e as partes e me esforçar por substituir cada imagem por uma sílaba ou palavra, que por alguma razão pode ser representada por esta imagem.”

Numa passagem de uma de suas 5 psicanálises, Freud demonstra-nos como se dá a articulação de um sentido que se constrói na transferência:

Tive um sonho, narrou o analisante de Freud, em que um homem arrancava as asas de uma Espe. Espe?, devolveu Freud? O que você quer dizer com isto?, indagou ao sujeito. O senhor sabe: aquele inseto com listras amarelas no corpo, que dá uma picada, respondeu a Freud. Este corrigiu: Você quer dizer uma Wespe. Chama-se Wespe? Na verdade eu achava que o nome era Espe. Mas Espe, então, sou eu mesmo: S.P., concluiu o analisante de Freud. O som da palavra Espe para designar uma vespa estava associado às iniciais de seu nome próprio, S e P. Cada conjunto associativo formado estava relacionado a um elemento comum e conduziu ao ponto que deveria estar na origem. Toda a articulação feita foi elaborada numa situação analítica, produzida na transferência, contendo os elementos topológicos enunciados por Freud: condensação, deslocamento e figurabilidade.

Os psicanalistas trabalham de forma similar, a partir de sons de palavras. Essa é a diferença. Palavras que trazem fragmentos de sonhos, lapsos, letras que faltam ou que sobram, constroem frases, recuperam a história. E ambos, analista e analisante, tentam reconstituir, de um material esquecido no tempo, uma história que foi traçada para o sujeito. Uma história que se repete, não de forma idêntica, mas por deslocamentos, com variações em torno de algum tema, sendo porém originária de um mesmo ponto, de um traço, uma marca qualquer. A repetição é fecunda e ilusória, pois dá a impressão de ser novidade. A repetição, ao nível do significante, não é monótona. O significante é fecundo por não ser idêntico a si mesmo, sendo único e possibilitando uma multiplicidade de aparições similares. Uma sucessão significativa indica que o posterior não é idêntico ao que o precede. Por isso Freud escreveu sobre rememoração, reelaboração, reconstrução da história do sujeito - porque a história é a reinvenção da narrativa.

Numa cadeia associativa significativa o significante precedente passa ao esquecimento e é reescrito. Ao nível do inconsciente o significante não representa nenhum objeto, mas tão-somente o sujeito para outro significante. No caso do Homem dos Lobos o fragmento colorido do significante amarelo indicou um conjunto constituído por vários elementos, um traço que se apresentou

simultaneamente em todas as séries de conjuntos surgidas na sucessão instaurada pela narrativa. O elemento constante, sobre o qual se constroem várias situações, o amarelo, se apresenta finalmente num sonho, para vir a ser nomeado.